



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**A AVALIAÇÃO SOCIAL DAS VARIANTES ALVEOLAR E PÓS-ALVEOLAR
DA CODA (S) NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO**

RENATA DE MELLO RODRIGUES

RIO DE JANEIRO

2023

RENATA DE MELLO RODRIGUES

**A AVALIAÇÃO SOCIAL DAS VARIANTES ALVEOLAR E PÓS-ALVEOLAR
DA CODA (S) NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO**

Monografia submetida à
Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial
para obtenção do título de
Bacharel em Letras na
habilitação português/inglês.

Orientador: Prof. Doutor Marcelo Alexandre Lopes de Melo

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

R696a Rodrigues, Renata de Mello
A AVALIAÇÃO SOCIAL DAS VARIANTES ALVEOLAR E PÓS
ALVEOLAR DA CODA (S) NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO
DE JANEIRO / Renata de Mello Rodrigues. -- Rio de
Janeiro, 2023.

22 f.

Orientador: Marcelo Alexandre Silva Lopes de
Melo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português Inglês,
2023.

1. Sociolinguística. 2. Universidade Federal do
Rio de Janeiro. I. Melo, Marcelo Alexandre Silva
Lopes de, orient. II. Título.

RENATA DE MELLO RODRIGUES

**A AVALIAÇÃO SOCIAL DAS VARIANTES ALVEOLAR E PÓS-ALVEOLAR
DA CODA (S) NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação português/inglês.

Data de aprovação:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo – Presidente da Banca Examinadora
Faculdade de Letras – UFRJ

Prof^a. Dr^a. Christina Abreu Gomes
Faculdade de Letras – UFRJ

RESUMO

O objetivo deste trabalho, baseado nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, é analisar a avaliação social das variantes alveolar e pós-alveolar na coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro. Para tanto, parte-se da hipótese de que a realização da variante alveolar, poderia ser avaliada por falantes cariocas como a variante de prestígio. Em relação à realização da fricativa pós-alveolar, Melo (2017, 2022), mostrou que essa variante não goza de prestígio ou sofre estigma por parte de falantes cariocas com maior inserção social, sendo, portanto, a realização esperada para falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro. A fim de testar a hipótese de prestígio da variante alveolar, foi elaborado um experimento de avaliação, usando a técnica de *matched guise* e aplicado por meio do programa *Psycopy*. Participaram do experimento 42 falantes universitários da comunidade de fala do Rio de Janeiro, com idades entre 18 e 29 anos. Em relação à variante pós-alveolar, os resultados seguiram a tendência já apontada por Melo (2017, 2022), isto é, de que a esta variante não são atribuídos nem prestígio e tampouco estigma. Relativamente aos resultados para a variante alveolar, foi possível observar que essa variante pode ser considerada como a variante de prestígio, sendo o número de itens – dois por sentença – decisivo para a atribuição deste prestígio à variante alveolar. Assim, espera-se que estudos futuros com outros grupos sociais possam ajudar na análise dos significados sociais atribuídos às duas variantes analisadas, sendo certo que a frequência das variantes merece maior atenção.

Palavras-chave: coda; alveolar; pós-alveolar; sociolinguística; prestígio; estigma.

ABSTRACT

The purpose of this research, based on the theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics, is to analyze the social evaluation of alveolar and post-alveolar variants in coda (s) in the speech community of Rio de Janeiro. In order to achieve this objective, we start from the hypothesis that the realization of the alveolar variant could be evaluated by Carioca speakers as the prestige variant. Regarding the realization of the post-alveolar fricative, Melo (2017, 2022) showed that this variant does not have prestige or stigma among cariocas speakers with greater social insertion, being, therefore, the expected realization for speakers from the community speech of Rio de Janeiro. To test the prestige hypothesis of the alveolar variant, an evaluation experiment was designed using the matched guise technique and applied by means of the Psycopy program. Forty-two university speakers from the speech community of Rio de Janeiro, aged between 18 and 29, participated in the experiment. Regarding the post-alveolar variant, the results followed the trend already pointed out by Melo (2017, 2022), that is, that to this variant is not attributed either prestige or stigma. Regarding the results for the alveolar variant, it was possible to observe that this variant can be considered as the prestige variant, with the number of items – two per sentence – being decisive for attributing this prestige to the alveolar variant. Thus, it is expected that future studies with other social groups can help in the analysis of the social meanings attributed to the two analyzed variants, being certain that the frequency of the variants deserves greater attention.

Keywords: coda; alveolar; post-alveolar; sociolinguistic; prestige; stigma.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Design: distribuição das sentenças/estímulos do experimento.....	22
--	----

LISTA DE TABELA

TABELA 01. Significância estatística das variáveis explicativas no experimento de avaliação das variantes da coda (s), com base no modelo de análise linear de efeitos mistos.....	26
--	----

TABELA 02. Distribuição de respostas por variantes e lista de itens com a variável.....	27
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01. Avaliação em graus de estigma sobre as variantes da coda (s) - alveolar e pós-alveolar, com base nos resultados gerais do experimento.....	25
--	----

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. Variação e Mudança.....	11
1.1 Teoria da Variação e Mudança.....	11
1.2 Avaliação social da variação	14
2. A variação da coda (s).....	17
3. Metodologia	21
4. Resultados.....	25
Considerações Finais.....	29
Referências	31

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar a avaliação de falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro em relação à realização da coda (s). Neste trabalho, é estabelecida uma comparação entre duas variantes para a coda (s): a variante alveolar, geralmente associada ao falar paulista por parte dos cariocas; e a variante pós-alveolar, reconhecida como típica da comunidade de fala do Rio de Janeiro, apesar de outras comunidades de fala compartilharem do uso desta variante. A intenção de observar a avaliação social dessas duas variantes reside no interesse em verificar a possível existência de uma avaliação social mais positiva da variante alveolar entre os falantes cariocas. Esse interesse surge ao passo que, em diversas ocasiões, tive a experiência de constatar mudanças abruptas relacionadas às variantes produzidas de acordo com o contexto. Mais especificamente, costumo observar falantes cariocas, em situações mais formais, realizarem a variante alveolar - que não é a mais comum em seu vernáculo - em detrimento da variante pós-alveolar, característica do falar carioca.

Os falantes não usam a língua da mesma forma em todos os contextos em que estão inseridos. A língua é naturalmente variável. Há tantas maneiras de se expressar por meio da linguagem quanto os contextos que se apresentam cotidianamente. No momento da fala, uma vasta configuração característica do falante e do contexto em que está inserido entram em cena para condicionar a maneira como algo será dito. Da mesma maneira, elementos de natureza linguística se associam a fatores sociais do falante e influenciam suas avaliações sobre as formas linguísticas. Assim, formas prestigiadas socialmente tendem a ser realizadas em situações de maior monitoramento por parte do falante, ao passo que formas estigmatizadas tendem a ser evitadas nesses mesmos contextos. E os valores associados às formas linguísticas podem ter diferentes origens e apontar para diversos significados sociais: uma variante pode perder prestígio social por ser associada a determinado grupo que, em razão da função social que desempenha, dela faz uso; ou pode ser que a uma variante seja atribuído valor prestigiado por ser falada por uma comunidade que detém prestígio social e/ou econômico.

Sendo assim, a partir dos anos 2000, mudanças estruturais ocorridas no Rio de Janeiro instauraram uma nova imagem para o arquétipo da Cidade Maravilhosa. Segundo uma pesquisa feita pelo projeto Sintonia Com a Sociedade:

foram encontradas duas narrativas que coexistem e convivem na cidade, influenciando diretamente seus moradores. A narrativa ideal se mantém a mesma, enquanto a narrativa real se molda ao contexto local. Narrativa ideal:

A eterna capital | Centro mediador do Brasil | Caldeirão cultural e intelectual | O RJ que o mundo vê | A face mítica e de beleza infinita | O MELHOR lugar do mundo | Nostalgia profunda. [...] Narrativa real: De capital a cidade município | Terra prometida que não aconteceu | Cultura que evita a norma (ou exigência da norma) para explorar potências, a partir de códigos internos | Ausência do Estado | Cidades invisíveis dentro da maravilhosa | A marca do medo.

Essa mudança tem um impacto direto na autoimagem do carioca e pode ser um dos indicadores para uma potencial estigmatização da variante pós-alveolar em determinados contextos, sobretudo aqueles de maior formalidade ou que exigem maior monitoramento. Isto porque, como a variante pós-alveolar é reconhecidamente como marca da variedade carioca e a identidade carioca pode levar a características não muito positivas em determinados contextos (malandragem, informalidade, boemia), pode ser que, em alguns contextos mais formais de interação, alguns cariocas prefiram evitar o uso desta variante.

Os juízos de valor e o nível de escolaridade de falantes de regiões em melhor situação socioeconômica são tópicos que rodeiam os conceitos de prestígio e estigma e podem influenciar a maneira como os falantes percebem as variantes mais utilizadas nessas regiões. Além disso, na grande mídia, se observa uma busca por uma pronúncia “mais neutra” ou mais próxima de um falar que não se relacionasse diretamente - ou tão fortemente - com uma variedade específica:

Na sequência de buscas no site Google a respeito do assunto, uma regularidade de notícias também se apresenta no que tange a uma padronização do modo de falar, que vem revestida pela obtenção de uma técnica do ator, visto que se naturaliza que o sotaque neutro deve ser almejado nas posições de atores, cantores, jornalistas: “Aulas e exercícios ajudam atores a alcançar o ‘sotaque neutro’ - Jeito de falar de William Bonner e Fátima Bernardes é meta de muitos artistas”; “A padronização do sotaque no telejornalismo”; (VIEIRA, 2020, p. 4)

Novamente, por ser mais saliente e diretamente relacionada com um falar carioca, a variante pós-alveolar da coda (s) poderia estar longe deste ideal de neutralidade perseguido pela grande mídia. Assim, por parecer mais neutra, a variante alveolar pode ser preferida, inclusive por cariocas, em situações mais formais de interação.

O que se pretende com esse trabalho, com a ajuda de outros experimentos e evidências já obtidas, é:

a. verificar se a variante alveolar se caracteriza como a variante de prestígio no Rio de Janeiro;

b. apurar a avaliação de falantes mais escolarizados do Rio de Janeiro quanto à variável pós-alveolar, tipicamente produzida na capital onde foi realizado o experimento.

Para obter tais respostas, este trabalho se embasa nos pressupostos da Teoria da Variação (Labov,1972) e leva em consideração os resultados obtidos por Melo (2017, 2022) para a elaboração da hipótese de que se a variante posterior é estigmatizada entre falantes com maior escolaridade e inserção social e a variante pós-alveolar é apenas um marcador da fala carioca, a variante alveolar pode ser a variante de prestígio entre os falantes mais escolarizados da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Espera-se verificar a confirmação desta hipótese.

Visando a apresentar um panorama geral sobre as teorias dos estudos linguísticos, o primeiro traz os pressupostos gerais da Teoria da Variação e Mudança, ou Sociolinguística Variacionista. O segundo capítulo apresenta alguns dos estudos já realizados sobre a variável, destacando pontos que são essenciais para a construção teórica deste trabalho. O terceiro capítulo traz a metodologia empregada, apresentando todos os passos para a construção do experimento, assim como o perfil de seus participantes. No quarto capítulo, estão presentes os resultados do experimento e também a análise estatística. E, por fim, no quinto capítulo a discussão sobre os dados encontrados e as conclusões do experimento.

1. Variação e Mudança

Neste capítulo, serão apresentados alguns dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, bem como algumas reflexões e estudos sobre a avaliação social da variação. Este último tópico nos permite discutir a associação feita pelos falantes entre as variantes de uma variável e diferentes aspectos sociais.

1.1 Teoria da Variação e Mudança

No século XIX, os estudos linguísticos são inspirados por duas perspectivas. Uma delas era o método histórico-comparativo que buscava relacionar regras de duas ou mais línguas ou de dois ou mais momentos de uma mesma língua. Outra perspectiva era a Neogramática, a qual direcionava as atenções para o estudo da mudança sobre o indivíduo e a sua maneira própria de falar e ouvir. Essa tradição desconsiderava os aspectos sociais da língua em detrimento de características psicológicas do indivíduo.

No século XX, seguindo a tradição firmada no século XIX pelos neogramáticos, Ferdinand Saussure, um dos grandes expoentes do Estruturalismo, estabelece a *langue* como objeto de estudo da Linguística, entendendo que elementos linguísticos interagem entre si de forma autônoma, independentemente de fatores históricos e comparativos. O aspecto da mudança linguística no tempo não é mais proeminente, motivo pelo qual o eixo dos estudos linguísticos se dá em um recorte temporal específico, isto é, em uma perspectiva sincrônica, em oposição à perspectiva diacrônica do método histórico-comparativo.

Já no final da década de 1950, nos Estados Unidos, uma nova teoria nos estudos linguísticos que se consolida é o Gerativismo, fundado por Noam Chomsky. Segundo essa teoria, a língua é entendida como um sistema abstrato e inato. Assim como para o Estruturalismo, a língua, na perspectiva gerativista, é um sistema homogêneo independente de fatores históricos e sociais. Nesse caso, o objeto de estudo linguístico é a competência do falante, ou seja, o seu conhecimento inato sobre a estrutura da língua. Assim, por ser comum a todos os falantes de uma mesma língua, os estudos linguísticos passaram a se basear nas intuições do próprio pesquisador a respeito da gramaticalidade das sentenças e não a própria fala do autor.

Rompendo com a tradição da neogramática que se consolidou tanto no Estruturalismo como no Gerativismo, sobre o objeto de estudo, alguns pesquisadores

enfatazaram em seus trabalhos a relação da língua com a sociedade, adotando uma concepção social da língua. De acordo com Coelho et al. (2015, p. 57), um deles foi Antoine Meillet, que considerava a língua um fato social e que, portanto, fatores sociais são determinantes no que tange à mudança linguística. Coelho et al. (op cit) argumentam que outros linguistas, como Nikolai Marr e Mikhail Bakhtin, faziam afirmações a respeito da capacidade da língua de influenciar o meio social. Por conta dos diferentes pontos de vista que ascenderam, novos debates se fizeram necessários para formular novos fundamentos.

Em 1966, ocorreu o simpósio “Direções para Linguística Histórica”, que reuniu Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog para uma discussão sobre mudança linguística, tendo como fator diferencial a consideração de efeitos sociais sobre a língua. Weinreich, Labov e Herzog preservam certos aspectos das teorias já existentes como a assunção da tradição neogramática de que a mudança linguística é constante, ou, como postula o Estruturalismo, de que a língua é um sistema. Porém, os autores lançam novos princípios para o estudo da mudança linguística, a partir dos quais se estabelecem a Teoria da Variação e Mudança.

Assim, em oposição à tradição consolidada na primeira metade do século XX, um dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança - ou Sociolinguística Variacionista - é o de que a língua é um sistema heterogêneo, pois apresenta uma estrutura e também variabilidade. Esse postulado pode parecer contraditório, mas são essas propriedades que possibilitam pessoas que falam uma mesma língua, mas com usos diferentes, se entenderem. Em outras palavras, o sistema é dotado de heterogeneidade ordenada, uma vez que a variação é não só inerente ao sistema, mas também se apresenta de maneira ordenada, sistematizada. Isto porque as formas presentes no sistema linguístico são de duas naturezas: categóricas, que não apresentam variação e estabelecem o caráter estruturado da língua; e as variáveis, as quais são variáveis e que estão sujeitas a fatores linguísticos e extralinguísticos.

Diferentemente da tradição firmada pelos neogramáticos, cujo foco era no uso individual da língua pelos falantes, a TVM enfatiza substancialmente o papel da comunidade de fala para os estudos da mudança. Por comunidade de fala, Labov (1972) entende não só um grupo de falantes que usam as mesmas formas linguísticas distintas de outras comunidades de fala, mas que também compartilham as mesmas avaliações sobre as formas. Retomando o pressuposto de que as variantes são dotadas de significado social,

uma mesma comunidade de fala, segundo Labov, seria capaz de emitir o mesmo juízo de valor sobre o significado social das variantes.

Tendo como ponto de referência a concepção de língua adotada pela TVM, é possível explicar o fato de que as pessoas continuam se entendendo mesmo durante o processo da mudança: uma vez que a língua é considerada um sistema inerentemente variável, a estrutura linguística continua a mesma. Assim, para que uma mudança aconteça, é preciso que formas alternantes convivam em um mesmo espaço geográfico, em uma comunidade de fala e em um indivíduo por algum tempo. Por esse motivo, a mudança linguística é vista como um *processo*, algo que acontece de maneira gradual, e não como um movimento abrupto. E para analisar esse processo é essencial a conciliação da sincronia com a diacronia, tendo por base a comunidade de fala. É possível ainda que duas variantes convivam por bastante tempo sem uma se sobrepor à outra, ou até mesmo nunca se sobrepondo à outra. Nesses casos, não haverá mudança, mas sim será observada uma variação estável. Dessa forma, o uso de duas ou mais variantes não significa necessariamente que haverá mudança, mas quando a mudança ocorre necessariamente houve variação.

A TVM sustenta que, para encontrar explicações sobre mudança linguística, dados empíricos devem ser descritos, a fim de que se chegue a conclusões de forma científica. Essa atividade, que não é nada fácil, é orientada, na TVM, por cinco problemas que deverão ser respondidos pelo(a) pesquisador(a). O primeiro desses problemas é o problema da restrição, cujo objetivo é estabelecer um controle sobre fatores linguísticos e extralinguísticos que afetam a forma com que variáveis são realizadas, buscando estabelecer regularidades para a mudança. Outro problema é o do encaixamento, o qual busca definir como se dá a relação de vários fenômenos linguísticos coexistentes em uma língua e, mais especificamente, busca mostrar a correlação entre o fenômeno da mudança e o seu condicionamento por parte de fatores sociais, linguísticos e estilísticos, revelando que a mudança linguística está encaixada tanto na matriz linguística como na matriz social. O terceiro problema é o da transição e tem por objetivo ajudar a perceber como uma forma linguística em mudança passa de um estágio para o outro no tempo e como é transmitida para outros grupos sociais. O quarto problema diz respeito à avaliação, isto é, ao julgamento do falante em relação às formas em variação e mudança. Nesse problema temos a avaliação linguística pela qual os falantes avaliam as formas a respeito de sua eficácia comunicativa e também temos a avaliação social em que o julgamento da forma linguística é compartilhado pelo grupo. Por fim, o problema da implementação busca

investigar como se estabelece uma mudança e o porquê de uma mudança ocorrer em um certo lugar e em outro não. A identificação de quais fatores condicionantes agem sobre determinada mudança ajuda a explicar o motivo pelo qual ela vai se implementando.

1.2 Avaliação social da variação

Quantitativamente, há mais trabalhos realizados a partir de dados de produção em comparação com trabalhos que se debruçam dados de percepção e avaliação. Entretanto, nas últimas décadas, o interesse em estudos de percepção/avaliação tem-se ampliado consideravelmente. Ainda assim, mesmo que os estudos de percepção/avaliação não tivessem recebido muito atenção dos estudos sociolinguísticos, já na década de 1960, esta área já se configurava como objeto de estudo da TVM, tendo o trabalho de Labov sobre Martha's Vineyard e o estudo do (r) em NYC, por exemplo, como pesquisas de grande proeminência.

No geral, o que se observa nos diferentes trabalhos já realizados que versam sobre a relação entre as formas linguísticas e a avaliação dos falantes é que existe uma recorrente associação entre as variantes produzidas e o julgamento dos falantes que delas fazem uso, de modo que variantes mais usadas por falantes em contextos formais é aquela mais frequentemente usada por falantes da classe social mais elevada e vice-versa (LABOV, 2006, p. 265). Ademais, para além da relação prestígio-estigma, Oushiro (2015, p. 318) argumenta que “línguas, variedades e variantes favorecidas pelas classes menos privilegiadas são percebidas mais negativamente quanto a atributos de status e valorizadas quanto a traços de solidariedade”.

Ao afirmar que os falantes não têm consciência sobre as variáveis fonológicas e que, portanto, é fundamental que sejam elaborados testes para estimar a avaliação dos falantes sobre essas variáveis, Labov (2006, p. 266) aponta para a necessidade de se resolver alguns problemas para que a avaliação dos falantes seja mais bem acessada: a) isolar as reações subjetivas a valores particulares de uma única variável; b) reduzir essas reações a uma medida quantificável; c) encontrar a estrutura global refletida no padrão das medidas resultantes (LABOV, 2006: 266). Além disso, a fim de acessar a avaliação das formas linguísticas que os falantes realizam, é necessário recorrer a testes de atitude/avaliação, uma vez que, conforme argumenta Labov (2008: p. 176), as opiniões pessoais dos falantes podem não emergir caso eles sejam indagados diretamente sobre as variantes. Esse cuidado é importante pois, em um estágio avançado de mudança, as

variantes podem receber um reconhecimento social consciente e explícito. É nesse momento que os estereótipos tendem a aparecer e a influenciar de forma negativa a avaliação do falante, gerando um movimento de aproximação em relação à forma mais conservadora e formal, usada por falantes de classes sociais mais elevadas.

Um recurso muito utilizado é a técnica dos falsos pares (*matched guise*). Criada por Lambert *et al.* (1960), é uma técnica que consiste em colocar os falantes diante de duas possibilidades realizadas por um mesmo falante de duas formas diferentes. Segundo Oushiro (2015 *apud* Melo, 2022),

permitiu demonstrar que diferentes variedades linguísticas impactam a avaliação dos sujeitos em diferentes situações, as quais vão desde a escolha de um inquilino ou de um candidato a uma vaga de emprego à associação da natureza de um crime cometido a falantes de uma determinada variedade.

Em 1963, um estudo realizado por Labov sobre a realização do ditongo /ay/ e /aw/, na Ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, levou em consideração a avaliação dos falantes da comunidade em análise. É importante mencionar que essa ilha recebia um elevado número de veranistas, o que poderia exercer um efeito sobre as mudanças linguísticas no falar local. De acordo com o resultado, alguns falantes, como os pescadores e os residentes de Martha's Vineyard que tinham uma percepção positiva da ilha, ainda produziam o ditongo centralizado - variante percebida como local - de forma que valorizasse as características linguísticas do local. Por outro lado, os moradores que tinham uma percepção negativa da ilha tinham a tendência de produzir a forma padrão menos centralizada da Nova-Inglaterra (LABOV, 2008, p. 59).

Em seu estudo sobre a variável linguística (r) nas lojas de departamento no Lower East Side de Nova York, Labov (2006 [1966]) escolheu três lojas para análise: Saks (maior posição na escala de estratificação social), Macy's (posição média) e Klein (menor posição). Labov acreditava que quanto maior era a posição de uma pessoa na escala de estratificação, mais o (r) era produzido em posição pós-vocálica como em *car*, *card*, *four*, *fourth*. Esse estudo coletou dados através de uma variedade de métodos como solicitar aos participantes que lessem uma lista de palavras ou que participassem de uma entrevista informal. Desse modo, o estudo concluiu que havia maior ocorrência de (r) quando as listas eram lidas, ou seja, quando havia maior monitoramento da fala. Além disso, houve o (r) foi mais produzido por vendedores da loja de maior posição social, revelando que a produção de (r) estava associada a um maior status social.

A frequência com que uma variante é falada também pode impactar na avaliação dos falantes. Labov *et al.* (2011) fizeram diversos experimentos para verificar a reação dos ouvintes quanto à forma apical não padrão da variável (ING). O resultado mostra que quanto maior era a frequência da forma não prestigiada, mais negativa era a avaliação da leitura.

Melo (2017) elaborou um experimento de avaliação aplicado a grupos sociais diferentes da comunidade de fala do Rio Janeiro, a fim de observar as avaliações dos participantes em relação a duas variáveis sonoras: coda (s) e coda (r) interna. O objetivo desse experimento era observar se as avaliações a respeito das variáveis eram compartilhadas entre os grupos de falantes, dado que, para Labov (1972) o compartilhamento das avaliações é determinante para a definição de uma comunidade de fala. Os resultados indicaram que para a coda (s) a fricativa glotal é a variante estigmatizada e para a coda (r) interna a sua ausência é a variante estigmatizada para os grupos com maior grau de inserção social, não sendo observada diferença significativa na avaliação das variantes de ambas as variáveis pelo grupo de participantes excluídos socialmente e, portanto, com baixíssimo grau de inserção social. Isso demonstra que as variantes são avaliadas de formas diferentes dentro da mesma comunidade de fala, o que pode colocar um problema para o conceito de comunidade de fala formulado por Labov (1972). Melo (*op. cit.*) argumenta que novos valores e padrões podem guiar o comportamento linguístico dos indivíduos quando os laços entre tais indivíduos e as instituições sociais responsáveis pela transmissão de valores socialmente prestigiados não são suficientemente sólidos. Assim, o grau de inserção social pode não impactar só a relação dos sujeitos com o mundo que os cerca, como também na maneira como esses mesmos sujeitos organizam o seu conhecimento linguístico.

2. A variação da coda (s)

A variação da coda (s) tem sido muito estudada sob o ponto de vista da produção em diferentes variedades do PB (GRYNER e MACEDO, 2000; SCHERRE e MACEDO, 2000; BRESCANCINI, 1996; BRANDÃO e SILVA, 2012; CALLOU e MARQUES, 1975; GUY, 1981; AULER, 1992; SANTOS, 2009; CALLOU e MORAES, 1996; RONCARATI et al, 1998). Apesar das diferentes metodologias empregadas em cada um dos estudos, bem como apesar das diferentes orientações e modelos teóricos utilizados para as análises, três pontos podem ser destacados da maioria deles: (a) a importância do contexto seguinte para a realização da coda (s); (b) a possibilidade de atuação de condicionamento lexical; (c) a avaliação negativa da variante aspirada em diferentes variedades do PB.

A grande maioria desses estudos apontam o contexto seguinte à coda como um condicionamento para a realização deste segmento. Quanto a essa questão, Gryner e Macedo, (2000) sugeriram que, no centro-norte do Rio de Janeiro, na região da cidade de Cordeiro, estaria ocorrendo o fenômeno da palatalização e que, ainda segundo as autoras, "[os] fatores linguísticos que atuam na aplicação das regras evidenciam que o processo de palatalização resulta de uma assimilação ao contexto seguinte". As autoras afirmam que o uso das variantes pós-alveolares em contexto de consoantes surdas é favorecido e em contexto de consoantes sonoras desfavorecido. Em comparação, as variantes "aspirada" e "zero" são favorecidas quando o contexto seguinte à coda é constituído por consoantes sonoras e desfavorecidas quando o contexto é constituído por consoantes surdas. A variante "aspirada" é considerada pelas autoras como um estágio do processo de enfraquecimento da coda (s) que culminaria na ausência deste segmento: [s, z, ʃ, ʒ,] > [h] > ∅. Entretanto, não foi verificada nenhuma evidência de que essa mudança em direção à ausência do segmento estivesse de fato ocorrendo na comunidade de fala analisada ou tampouco de que a variante aspirada seria um estágio intermediário neste processo.

Ainda em relação à importância do contexto seguinte para a realização da coda (s), Carvalho (2000), ao observar a realização deste segmento em Belém (PA), apontou que, em relação ao contexto seguinte, a pausa favorecia o uso das variantes palatais; a vogal favorecia a utilização das alveolares, sobretudo da alveolar sonora [z]; e a consoante nasal interna à palavra favorecia tanto o uso da variante glotal quanto a ausência da coda. Ao relacionar a realização da coda (s) no PB a partir de uma análise fonológica não-linear, buscando identificar as variantes predominantes em diferentes regiões do país,

Brescancini (2006) apontou que consoantes coronais e dorsais no contexto seguinte à coda favorecem variante pós-alveolar no Rio de Janeiro e em Salvador, mas desfavorecem a realização da mesma variante em Florianópolis. A autora sustenta ainda que sua realização da variante pós-alveolar é favorecida quando o contexto seguinte à coda (s) é constituído por uma consoante surda.

Estudos já realizados sobre a coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro também apontam para o contexto seguinte como um condicionador importante para a realização do segmento: Scherre e Macedo (2000), partindo da escala de sonoridade proposta por Jespersen, indicaram que a realização da coda (s) é “diretamente proporcional à escala de sonoridade”, isto é, “quanto mais baixo o grau do segmento seguinte nesta escala, menos variante aspirada (0,37 diante de oclusiva surda)”; Melo (2012, 2017) observou que o contexto seguinte constituído por uma consoante sonora favorece a realização da variante glotal, sendo o contexto seguinte constituído por uma vogal, desfavorecedor para a realização da mesma variante. A explicação sugerida pelo autor sobre realização da glotal ser favorecida quando a coda é seguida por consoante soante ou obstruente sonora reside no fato de que se observa a mesma configuração das cordas vocais durante a produção da fricativa posterior e das consoantes soantes e sonoras.

Ainda sobre os diferentes estudos de produção, Melo (2017) mostra que, embora alguns dos estudos tenham mencionado a importância de condicionamentos lexicais para a realização da coda (s), nenhum deles havia, de maneira sistemática, explorado esse condicionamento. Melo (2012) examinou o efeito dos itens lexicais como variáveis de efeito aleatório por meio análise de efeitos mistos realizada no programa Rbrul (Johnson, 2009). O resultado mostrou que o item lexical é condicionador da variante glotal. Foi verificado também o efeito da frequência do item na utilização da variante glotal para os falantes da EJLA. Foi constatada uma tendência à utilização da variante glotal nos itens mais frequentes na amostra. Além disso, algumas palavras como “mesmo”, “nós” e “às vezes” são predominantemente realizadas com a glotal para os falantes da EJLA, diferentemente dos falantes do CENSO 2000 que utilizavam a variante pós-alveolar mesmo tendo as mesmas condições estruturais. A partir desses resultados alcançados, o autor concluiu que:

o fato de itens de alta frequência na Amostra EJLA serem realizados predominantemente com a fricativa glotal é indicativo de uma direcionalidade diferente do padrão sociolinguístico observado em outros segmentos da

comunidade de fala do Rio de Janeiro; vale dizer: o desenvolvimento de um padrão sociolinguístico em direção à glotal. (MELO, 2017, p. 51)

No que diz respeito à avaliação das variantes da coda (s), Auler (1992) reuniu uma “pequena amostra do português falado no município do Rio de Janeiro” a partir de 20 entrevistas feitas em momentos isolados (1982 e 1988), nas quais investigou todas as ocorrências de /s/ pós-vocálico, descartando morfemas de plural, casos de contexto dissimulador e casos de percepção duvidosa. O resultado permitiu que ela notasse um padrão de variação estável para a aspiração do /s/ pós-vocálico, devendo ser essa realização considerada um “indicador social de uma fala menos comprometida com a norma culta” visto que os entrevistados, ao aumentarem seu nível de escolaridade, diminuiriam ou excluam o “s aspirado”.

Corroborando a afirmação de Auler (1992), Gryner e Macedo (2000), afirmam que a variante palatal é mais usada pelos falantes da cidade de Cordeiro (RJ) que atingiram um maior grau de escolaridade, enquanto as formas aspiradas e a “queda do s” são utilizadas pelos falantes de menor escolaridade. Carvalho (2000) argumenta que, dentre as variantes da coda (S), a variante glotal é a menos prestigiada entre os falantes de Belém (PA) e, por isso, tende a ser usada por falantes pertencentes à classe baixa. A autora observou ainda que a realização da variante palatal - variante entendida pela autora como sendo prestigiada - é mais usada pelas mulheres.

Melo (2017) apresenta um experimento de avaliação aplicado a dois grupos sociais diferentes: a) jovens universitários de classe social média-média e média-baixa (grupo UFRJ); b) jovens moradores de favelas da classe baixa (grupo EJLA e Fiocruz). O experimento comparou as avaliações a respeito de duas variáveis sonoras - coda (s) e coda (r) interna. Para a coda (s) foram realizadas as fricativas alveolar palatal [ʃ/ʒ] e velar/glotal [x/χ, h/ħ], como em me[ʒ]mo e me[χ/ħ]mo; para a coda (r) interna, foi realizada a fricativa velar/glotal e ausência do segmento, como em ce[χ/ħ]veja e ce[∅]veja. O objetivo desse experimento era observar se as avaliações a respeito das variáveis eram compartilhadas entre os grupos de falantes, dado que, para Labov (1972) o compartilhamento das avaliações é determinante para a definição de uma comunidade de fala.

Melo (2022) realizou experimentos de avaliação sobre a realização da coda (s) em dois grupos sociais distintos da comunidade de fala do Rio de Janeiro: (a) três grupos de moradores de favelas, com diferentes graus de inserção social (EJLA, EPSJV e Fiocruz); (b) um grupo de falantes universitários pertencentes a diferentes setores da classe média.

As variantes em análise foram a fricativa pós-alveolar [ʃ/ʒ] e fricativa posterior (velar/glotal) [x/ɣ, h/ɦ], como em me[ʒ]mo e me[ɣ/ɦ]mo. Era esperado que o grau de inserção dos sujeitos tivessem impacto na organização do conhecimento linguístico desses mesmos sujeitos e, conseqüentemente, na forma como os falantes avaliam as variantes. Os resultados revelaram um padrão binário de avaliação: (1) não há distinção de avaliação entre as variantes para os indivíduos do grupo EJLA; (2) para os outros três grupos (EPSJV, Fiocruz e UFRJ), há diferença considerável de avaliação entre as variantes. Esse padrão revela que a avaliação das variáveis não é compartilhada por todos os falantes da comunidade de fala. De maneira geral, entre os participantes dos três grupos que avaliam diferentemente as variantes, a variante glotal foi avaliada de forma negativa, o que conduz à hipótese de ser essa a variante estigmatizada entre os falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro com algum grau de inserção social. Relativamente à variante pós-alveolar, Melo (2017, 2022) observou que não há estigma ou valor positivo atribuído à variante pós-alveolar: "se um falante fizer uso dessa variante, será entendido que esse falante pertence à comunidade de fala do Rio de Janeiro (...), isto é, não há nenhum tipo de associação da variante a um grau de prestígio" (MELO, 2017, p. 118).

A partir dos resultados de Melo (2017), o que se pretende é analisar o significado social das variantes alveolares, as quais são pouco frequentes na comunidade de fala do Rio de Janeiro e, diferentemente da variante pós-alveolar, podem não ser reconhecidas como típicas da variedade carioca. A hipótese é a de que, se a variante posterior é estigmatizada entre falantes com maior escolaridade e inserção social e a variante pós-alveolar é apenas um marcador da fala carioca, a variante alveolar pode ser percebida como a variante de prestígio entre os falantes mais escolarizados da comunidade de fala do Rio de Janeiro.

3. Metodologia

No decorrer deste capítulo, será apresentada a metodologia de levantamento e tratamento dos dados de avaliação. Conforme dito anteriormente, a finalidade deste trabalho é analisar o significado social da produção da coda (s), a partir das variantes alveolar e pós-alveolar, por meio de um experimento realizado com jovens estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A partir dessa pesquisa buscamos verificar se a variante alveolar seria a de maior prestígio para falantes mais escolarizados da comunidade do Rio de Janeiro, tendo em vista que os estudos de Melo (2017, 2022) mostraram que não há nenhum tipo de associação da variante pós-alveolar a um grau de prestígio.

A finalidade deste experimento é averiguar como jovens universitários do Rio de Janeiro avaliam duas variantes da coda (s): as fricativas alveolopalatais [ʃ/ʒ] e as fricativas alveolares [s/z]. O experimento elaborado a fim de levantar dados para evidenciar a avaliação social das variantes em questão, analisou a relação entre as variantes da variável e três atividades profissionais diferentes: *médica*, *auxiliar de enfermagem* e *faxineira*, as quais possuem diferentes níveis de prestígio na sociedade. A associação de uma variante com um determinado perfil profissional indica expectativas sociais distintas quanto à formação dos sujeitos que ocupam cada uma das profissões. Dessa forma, o prestígio social estaria associado à profissão de *médica*, a qual requer um maior nível de escolaridade e formação em grau superior, e de maneira oposta, no polo de menor prestígio social, estaria a profissão de *faxineira*, a qual não requer nenhum nível de escolaridade e de formação. Por fim, a profissão de *técnica de enfermagem* estaria em um nível intermediário de prestígio social, visto que há a necessidade de uma formação técnica e é uma ocupação composta por profissionais das classes populares que tiveram a oportunidade de frequentar alguma instituição para alcançar essa formação. Assim, a associação de uma variante a uma determinada função nessa escala social indica: a) avaliação negativa da variante quando associada à profissão de *faxineira*; b) avaliação positiva da variante quando associada à profissão de *médica*; c) avaliação isenta de prestígio ou estigma da variante quando associada à *técnica de enfermagem*.

O experimento foi aplicado em jovens universitários cariocas da Faculdade de Letras da UFRJ do 1º e 2º períodos. O grupo era composto em sua maioria por estudantes do sexo feminino. Todos os participantes tinham entre 18 a 23 anos de idade.

As sentenças que serviram de estímulos para o experimento foram gravadas por uma falante da comunidade de fala do Rio de Janeiro, com nível universitário e faixa etária de 25-30 anos. Além de 12 sentenças distratoras, 24 sentenças foram elaboradas e organizadas em duas listas: uma lista com 12 sentenças que só continham apenas um item com a variável analisada e outra lista com 12 sentenças que continham dois itens com a variável analisada. A fim de que fosse possível estabelecer uma comparação com os resultados obtidos por Melo (2017, 2022), as mesmas sentenças **utilizadas por esse** autor foram utilizadas no presente experimento. Como Melo (op. cit.) não observou diferenças significativas por sexo/gênero, essa variável não foi controlada.

Cada participante escutou, no total, 18 sentenças, das quais 12 eram sentenças que continham as duas variáveis em questão e 6 eram sentenças distratoras. Um grupo de participantes ouviu as sentenças que continham apenas uma ocorrência da variável e outro grupo ouviu as sentenças com duas ocorrências da variável, o que totalizou 43 participantes para as duas situações do experimento (ouvir uma única ocorrência da variante por sentença x ouvir duas ocorrências da mesma variante por sentença). Cada participante ouviu, em cada uma das duas condições, 6 sentenças com uma variante e 6 com a outra variante, sendo que nenhum participante foi exposto à mesma palavra com as duas variantes:

Quadro 01 – Design: distribuição das sentenças/estímulos do experimento

22 participantes de cada grupo	sentenças com 01 item		
	6 sentenças 1 item com a variante pós- alveolar	6 sentenças 1 item com a variante alveolar	6 sentenças distratoras
21 participantes de cada grupo	sentenças com 02 itens		
	6 sentenças 2 itens com a variante pós- alveolar	6 sentenças 2 itens com variante alveolar	6 sentenças distratoras

Fonte: elaboração própria

O experimento foi aplicado individualmente, na Faculdade de Letras da UFRJ, e 516 respostas foram registradas ao fim do experimento, excluindo as distratoras. Os áudios das sentenças foram reproduzidos, de forma aleatória no programa *Psycopy*, que consiste em um pacote de software de código aberto escrito na linguagem de programação

Python, usado principalmente para uso em pesquisas em neurociência e psicologia experimental.

No momento da aplicação do experimento, o(a) participante recebia orientações por parte da pesquisadora para esclarecer o contexto do experimento. A tarefa atribuída ao participante era explicada na tela do computador e lida pela pesquisadora para o(a) participante:

Você está em um hospital público, aguardando por uma consulta médica. Enquanto aguarda ser atendido, você ouve uma mulher dizendo algumas frases. Após ouvir cada frase, diga se ela foi produzida por uma médica do hospital, por uma técnica de enfermagem do hospital ou por uma auxiliar de serviços gerais.

Depois da leitura do texto, o(a) participante ouvia duas vezes estímulo antes de escolher uma resposta. Depois de ouvir a frase o(a) participante se deparava com as três alternativas que deveria escolher (*médica, técnica de enfermagem, faxineira*), clicando, com o mouse, em apenas uma delas. Após a escolha da resposta, a informação era registrada pelo programa em uma planilha do excel e, logo em seguida, o experimento avançava para o próximo estímulo automaticamente.

As informações geradas foram submetidas a um modelo de análise linear de efeitos mistos, por meio da Plataforma Jamovi (SAHIN; AYBEK, 2019), com o objetivo de examinar a relação entre as respostas (*médica, técnica de enfermagem* ou *faxineira*) e as variáveis independentes: a) variante/estímulo (intrassujeitos/ *within subjects*)¹: alveolar ou pós-alveolar para a coda (s); b) número de variantes por sentença (entre-sujeitos/*between subjects*): sentença com 1 ocorrência da variante, sentença com 2 ocorrências da mesma variante.

A análise das respostas dos participantes ocorreu de duas formas: distribuição das respostas por cada variável independente estudada e grau de avaliação de cada variante. Para esta última forma, foram designados diferentes valores para as respostas dadas pelos(as) participantes aos três perfis profissionais: o valor 1 (um) foi atribuído ao perfil *médica*, o valor 2 (dois) foi atribuído ao perfil *técnica de enfermagem* e o valor 3 (três) foi atribuído ao perfil *faxineira*. Assim, o valor 1 (um) é associado às formas linguísticas tidas como mais prestigiadas e o valor 03 (três) às formas linguísticas de menor prestígio

¹ Design experimental intrassujeitos (within-subject) significa que todos os participantes estão expostos aos mesmos tipos de estímulos. Design entre-sujeitos (between-subjects) significa que um determinado tipo de estímulo foi exposto a um grupo de participantes e não a outro (DRAGER, 2013:64). Em outras palavras, todos os participantes ouviram as duas variantes de cada variável, mas cada grupo ouviu ou somente uma variante por sentença ou duas variantes por sentença de cada variável sociolinguística avaliada.

com base na relação entre as variantes produzidas e as profissões presentes no experimento. A soma dos valores associados às respostas reflete o nível de prestígio ou estigma da variante. Assim, quanto maior a pontuação atribuída a uma variante, maior terá sido a sua associação a um perfil menos prestigiado. Por outro lado, uma baixa pontuação revela maior associação da variante ao perfil social mais prestigiado e que recebe menor pontuação.

A expectativa era de que, por meio desse experimento, fosse possível apurar se jovens universitários fazem a mesma avaliação sobre as variantes da variável em questão. Além disso, buscava-se analisar se a frequência da variável, examinada presença de 1 item ou 2 itens na mesma sentença, interfere de algum modo na avaliação por parte do(a) participante, conforme em Labov *et al.* (2011). A hipótese era de que a variante alveolar, diferentemente do que Melo (2017, 2022) observou para a variante pós-alveolar, seria mais associada ao perfil *médica*, o que pode indicar um valor de prestígio atribuído a essa variante. Em relação à variante pós-alveolar, espera-se confirmar os resultados de Melo (op. cit.), sendo essa variante mais associada ao perfil intermediário (*enfermeira*).

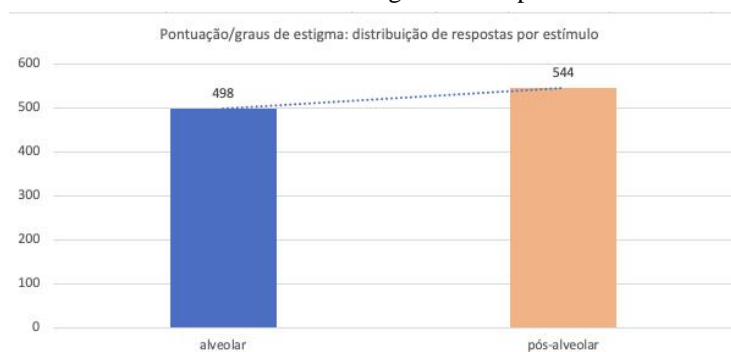
4. Resultados

A finalidade deste capítulo é apresentar os resultados do experimento, como também a análise estatística a fim de verificar a relevância das variáveis em questão.

Conforme apresentado no capítulo anterior, o experimento de avaliação, que foi elaborado para este trabalho, tem como base a associação das variantes alveolar e pós alveolar na coda (s) a 3 perfis profissionais diferentes: *médica*, *técnica de enfermagem* e *faxineira*. O resultado dessa associação revela expectativas distintas quanto às três profissões, visto que para cada uma delas são exigidos níveis diferentes de formação para exercer as funções, sendo evidente que para tais formações são atribuídos valores sociais diferentes. Sendo assim, (i) a associação de uma variante ao perfil de *médica* leva à conclusão de que essa variante é provavelmente prestigiada, dado o notório valor social atribuído a esta profissão; (ii) a associação das variantes à profissão de *faxineira*, por sua vez, reflete uma expectativa oposta, levando em consideração que é avaliada como uma profissão menos valorizada quando se trata de nível de formação; (iii) a associação das variantes com o perfil de *técnica de enfermagem* posiciona a variante entre as duas profissões, o que conduz à conclusão de que a variante não seria nem prestigiada nem estigmatizada.

Como já mencionado, para cada escolha de perfil profissional por parte dos(as) participantes foram atribuídos valores para que fosse possível registrar a diferença - ou não - em relação à avaliação das variantes: (a) as respostas relacionadas ao perfil *médica* receberam pontuação 01 (um); (b) as respostas relacionadas ao perfil *técnica de enfermagem* receberam pontuação 02 (dois); (c) as respostas relacionadas ao perfil *faxineira* receberam pontuação 03 (três). Assim, a soma das pontuações reflete os graus de estigma de cada variante. O gráfico 01 revela a distribuição de pontuação por variante:

GRÁFICO 01: Avaliação em graus de estigma sobre as variantes da coda (s) - alveolar e pós-alveolar, com base nos resultados gerais do experimento.



A partir da análise do gráfico sobre as pontuações das variantes alveolar e pós-alveolar, é possível dizer que uma menor pontuação foi atribuída à variante alveolar (498) e, portanto, é possível dizer que essa variante recebe uma avaliação mais positiva que a variante pós-alveolar (544). As respostas registradas foram submetidas a uma análise linear de efeitos mistos, por meio do software *Jamovi*, para observar a correlação - ou não - entre os resultados (as respostas dos participantes/escolhas da profissão) e as variáveis explicativas controladas na pesquisa (estímulo e lista de itens). Importante destacar que um p-valor abaixo de 0,050 indica que há correlação entre as respostas dadas e as variáveis independentes controladas, razão pela qual os resultados obtidos são considerados significativos e, por isso, relevantes no entendimento da avaliação das variáveis linguísticas em questão. Na Tabela 01, são apresentadas as significâncias estatística dessas variáveis:

TABELA 01. Significância estatística das variáveis explicativas no experimento de avaliação das variantes da coda (s), com base no modelo de análise linear de efeitos mistos.

	F	Num df	Den df	p
ESTIMULO	5.89	1	512	0.016
LISTA	5.95	1	512	0.015
ESTIMULO * LISTA	1.36	1	512	0.244

modelo: RESPOSTA ~ 1 + ESTIMULO + LISTA + ESTIMULO:LISTA+(1 | participant)

Conforme os resultados da Tabela 01, a análise estatística dos resultados mostrou que há correlação entre as respostas dadas pelos(as) participantes e: (a) as variantes (estímulo) ; (b) o ‘número de ocorrência’ por sentença (lista). A partir da correlação observada em (a), é possível dizer que a relação entre os estímulos e as respostas foi determinante para a avaliação dos participantes. Assim, como houve menos associação da variante alveolar aos perfis de menor prestígio social, tendo em vista a pontuação menor atribuída a essa variante, é possível afirmar ainda que, em comparação à variante pós-alveolar, a variante alveolar recebeu avaliações mais positivas, o que pode indicar a atribuição de certo grau de prestígio a essa variante.

Levando em consideração a correlação observada em (a) e (b), a Tabela 02 traz a distribuição de respostas os resultados para o grau de estigma atribuído às variantes da coda (s), considerando o número de itens por sentença (lista):

TABELA 02. Distribuição de respostas por variantes e lista de itens com a variável

Lista / variante	téc. de enfermagem	faxineira	médica	Total Geral
Lista com 1 item	90	82	56	228
alveolar	44	39	31	114
pós-alveolar	46	43	25	114
Lista com 2 itens	102	85	101	288
alveolar	42	38	64	144
pós-alveolar	60	47	37	144
Total Geral	192	167	157	516

Conforme se depreende da leitura da Tabela 02, é possível observar uma concentração de respostas associadas ao perfil intermediário (técnica em enfermagem) nas listas com apenas 01 item com a variável, independentemente da variante (estímulo). Ou seja, independentemente de o estímulo conter um item com a variante pós-alveolar ou alveolar, os participantes atribuíram aos estímulos nem estigma e nem prestígio. As sentenças da lista 01 que continham 01 item com a variante alveolar foram, inclusive, as que foram menos associadas ao perfil *médica* (31), isto é, aquele com maior prestígio social.

Por outro lado, a presença da variante alveolar parece ter sido decisiva para que as sentenças fossem associadas ao perfil de maior prestígio social (*médica*), quando havia dois itens produzidos com essa variante (64). É possível observar, ainda de acordo com os resultados da lista 02, que a associação entre a variante alveolar e o perfil de maior prestígio foi maior do que a associação - já esperada - entre a variante pós-alveolar e o perfil intermediário (60). Assim, é provável que o número de itens com a variante de prestígio seja decisivo para um julgamento mais positivo dos participantes, numa relação inversa àquela observada por Labov *et al.* (2011) para a variante estigmatizada.

Comparando com os resultados obtidos por Melo (2017 e 2012), existe uma notável diferença quanto à avaliação dos(as) participantes: para a pós-alveolar vs. glotal, os resultados de Melo (op.cit.), mostram que há uma forte correlação entre as variantes e as respostas dos universitários que participaram do teste, sendo a variante glotal a que recebeu uma avaliação negativa de forte estigma. No entanto, a variante pós-alveolar não

recebeu uma avaliação de prestígio, presumivelmente porque, conforme já assinalado anteriormente, essa é a variante esperada para os falantes do Rio de Janeiro.

O resultado do experimento deste trabalho revelou as mesmas conclusões para a variante pós-alveolar, porém mostrou conclusões diferentes para a variante alveolar do que foi observado por Melo (op. cit.) para a variante glotal: enquanto esta apresentou uma avaliação bastante estigmatizada por parte dos falantes universitários, aquela, de maneira oposta, apresentou avaliações em direção a um padrão de prestígio. É interessante mencionar que, quando as variantes pós-alveolar e glotal estão sendo comparadas, a diferença de avaliação é muito grande, porém quando as variantes pós-alveolar e alveolar são comparadas a diferença é menor. Talvez, por esse motivo, somente com um número maior de itens com a variante alveolar seja possível perceber uma mudança no padrão de avaliação dos falantes, os quais passam a atribuir um valor de prestígio à variante. É importante observar também que a variante pós-alveolar é avaliada de maneira neutra pelos falantes do Rio de Janeiro, porém as outras duas variantes estão em pólos opostos quanto à avaliação: a glotal tende para o estigma, ao passo que a alveolar tem a tendência de seguir para o prestígio.

Considerações Finais

As características da fala podem indicar diversas informações sobre o falante, não só a respeito da região onde habita e da comunidade de fala em que está inserido, como também seu grau de escolaridade e seu perfil social. Além disso, a observação do comportamento linguístico dos falantes é uma ação subjetiva e espontânea que, de forma involuntária, atua na construção da avaliação social das formas linguísticas.

Esse trabalho pretendeu analisar o significado social em relação à produção da coda (s), comparando as variantes fricativas alveolopalatais [ʃ/ʒ] e as fricativas alveolares [s/z] para verificar se de fato existe uma variante mais prestigiada entre falantes mais escolarizados do Rio de Janeiro. Para isso, a avaliação da coda (s) foi analisada a partir de um grupo social com as seguintes características: grupo de classe média e média baixa, representados por jovens universitários da UFRJ e inseridos na comunidade de fala do Rio de Janeiro.

Em síntese, o experimento se baseia na associação entre as variantes alveolar e pós-alveolar com um determinado perfil social representado pelas profissões de *médica*, *técnica de enfermagem* e *faxineira*. Dessa forma a associação tem o potencial de indicar as expectativas sociais em relação à formação do indivíduo que atua nas dadas ocupações profissionais. Tendo em vista a necessidade de uma maior formação para a profissão de *médica*, a associação de uma variante com essa profissão indicaria que seria atribuído mais prestígio para essa forma linguística. Assim como se verifica uma menor exigência de formação para a profissão de faxineira, a associação de uma variante com essa profissão apontaria para um menor prestígio atribuído a essa forma linguística. Por fim, a associação com a profissão de técnica de enfermagem não apontaria para prestígio nem estigma considerando o perfil social que compõe essa profissão. Além disso, os seguintes valores foram atribuídos às profissões: valor 1 (um) ao perfil de médica; valor 2 (dois) ao perfil de técnica de enfermagem; valor 3 (três) ao perfil de faxineira. A soma da pontuação atribuída às variantes revelaria os graus de estigma e prestígio.

O experimento foi realizado por meio do programa *Psycopy*. Os(as) participantes ouviram 18 sentenças, as quais foram associadas separadamente a uma das três profissões. Com o objetivo de analisar se a frequência da variável interfere na avaliação metade dos(as) participantes ouviram sentenças com 1 item e a outra metade com 2 itens. O objetivo deste experimento era verificar se a variante alveolar era a forma linguística de maior prestígio entre os falantes mais escolarizados do Rio de Janeiro, tendo em vista os

resultados da pesquisa de Melo (2017, 2022) que mostram que a variante pós-alveolar não é a forma de prestígio entre os cariocas.

Os resultados gerais do experimento mostraram que a variante alveolar recebeu uma menor pontuação (498) no somatório de respostas atribuídas pelos participantes, sendo, portanto, considerada como tendo uma avaliação mais positiva quando comparada à variante pós-alveolar, que recebeu uma pontuação maior (544) resultado indicou um certo grau de prestígio à variante alveolar.

Com relação à frequência dos itens, foi possível reparar que, quando havia apenas 1 item, a variante era associada ao perfil de técnica de enfermagem, ou seja, não apresentou prestígio nem estigma. Porém com a frequência de dois itens em uma mesma sentença, a variante alveolar se mostrou determinante para a associação ao perfil de maior prestígio social.

Em comparação com a pesquisa de Melo (op. cit) em que as diferenças de avaliação entre a pós-alveolar e a glotal foram muito grandes, o resultado desta pesquisa revela que, para os falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro, não há muita diferença quanto à avaliação das variantes alveolar e pós-alveolar. De qualquer forma, o que se evidencia nos resultados para sentenças em que dois itens eram realizados com a variante alveolar é a atribuição de prestígio a essa variante, uma vez que há uma concentração de respostas no perfil de maior prestígio social (*médica*). Assim, é possível que a diferença entre as variantes alveolar e pós-alveolar possa ser mais bem investigada em um outro experimento, com participantes de outros grupos sociais e no qual a frequência dos itens com as variantes seja mais bem observada.

Referências

- AULER, Mônica. **A difusão lexical num fenômeno de aspiração em português**. In: Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1992.
- BRANDÃO, S. F.; SILVA, C. B. **Róticos em coda silábica na fala de Nova Iguaçu-RJ com base em diferentes tipos de corpus**. Revista do GELNE (UFC), v. 14, p. 21-40, 2012.
- BRESCANCINI, C. R. **A fricativa em posição de coda no PB**. In: Jânia M. Ramos. (Org.). Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL. Belo Horizonte-MG: Editora da FALE/UFMG, p. 06-20, 2006.
- CALLOU, Dinah, MARQUES, M. D. **O -s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Littera, 1975.
- CALLOU, Dinah I.; MORAES, João A. de. **A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais**. In: CARDOSO, Suzana A. M. (Org.). Diversidade linguística e ensino. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 133-147.
- CANO, W. (1985). **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil**, Global, São Paulo.
- CARVALHO, Rosana Siqueira de. **Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Pará, 2000
- COELHO, I. L. et al. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- DRAGER, Katie. **Experimental methods in sociolinguistics**. In: Janet Holmes and Kirk Hazen (Eds.) Research Methods in Sociolinguistics: A practical guide, Wiley-Blackwell, p. 58-73, 2013.
- GRYNER, Helena e MACEDO, A. V. T. **A pronúncia do –S pós-vocálico na região de Cordeiro – RJ**. In: Maria Cecília Mollica; Mário Eduardo Martellota. (Org.). Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, p. 26-51, 2000.
- GUY, Gregory R. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. PhD Dissertation. University of Pennsylvania, 1981.
- JOHNSON, D.E. **Getting off the GoldVarb standard: Introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis**. Language and Linguistics Compass, 3 (1), 359–383. DOI: 10.1111/j.1749-818X.2008.00108.x, 2008.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972

LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. New York: Cambridge University Press, 2006.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

LABOV, William; ASH, Sharon; RAVINDRANATH, Maya; Weldon, Tracey; BARANOWSKI, Maciej; NAGY, Naomi. **Journal of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing: p. 431-463, 2011.

LAMBERT, W. E et al. **Evaluational reactions to spoken languages**. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 60(1), 44–51, 1960.

MELO, M. A. S. L. de. **Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala: um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro**. 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2012.

MELO, M. A. S. L. de. **Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social**. 2017. 153 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2017.

MELO, M. A. S. L. de. Padrões de avaliação de duas variáveis sonoras na comunidade de fala do Rio de Janeiro: uniformidade ou diferentes tendências?. **Organon**, v. 37, p. 102-124, 2022.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Letras) – USP, FFLCH, São Paulo, 2015.

RONCARATI, Cláudia N. **Variação fonológica e morfossintática na fala cearense**. In: Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE, 17., 1999, Fortaleza. Anais... Fortaleza: UFC, 1999. p. 1-12.

SAHIN MD, AYBEK EC. **Jamovi: an easy to use statistical software for the social scientists**. *Int J Assess Tools Educ*;6:670–92, 2019.

SANTOS, Deisiane R. dos. **A Variação do /S/ pós-vocálico fala de Petrópolis, Itaperuna e Paraty**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SCHERRE, Maria Marta Pereira e MACEDO, A. V. T. **Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -S pós-vocálico no Rio de Janeiro**. In: Maria Cecília Mollica; Mário Eduardo Martelotta (org.). *Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, p. 52-64, 2000.

Sotaque carioca: a cidade sinônimo de Brasil. *Gente.globo.com*, 2021. Disponível em: <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-sotaque-carioca-a-cidade-sinonimo-de-brasil/>. Acesso em: 07/10/2022.

VIEIRA, Laise Aparecida Diogo. **A Língua falada no teatro e em telenovelas brasileiras: um percurso pela história das ideias linguísticas**. São Paulo: UNICAMP, 2020.